

A HOLE IN THE HEAD: TREPANAÇÃO E ANTAGONISMOS NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

A HOLE IN THE HEAD: TRAPANATION AND ANTAGONISM IN ARTISTIC PRODUCTION

Hamilton Ferreira

RESUMO

O presente artigo constitui uma reflexão sobre a elaboração conceitual e prática acerca da proposta artística *A Hole in the head*, de minha autoria. Adotando conceitualmente a trepanação – procedimento cirúrgico que consiste na perfuração craniana – como eixo central dessa proposta, que evoca a transcendência da consciência e do espírito, dando ênfase à cabeça como elemento fundamental da metáfora tecnológica na arte e do esvaziamento das ações do corpo. O resultado é um conjunto de seis objetos poéticos construídos de concreto e espaços negativos que permitem acionar os antagonismos da imaterialidade e do vazio.

PALAVRAS-CHAVE

Trepanação; imaterialidade; corpo; processos artísticos, arte.

ABSTRACT

The present article is a reflection on the conceptual and practical elaboration on the artistic proposal A Hole in the head, of my own. Conceptually adopting trepanation - a surgical procedure that consists of cranial perforation - as the central axis of this proposal, which evokes the transcendence of consciousness and spirit, emphasizing the head as a fundamental element of the technological metaphor in art and the emptying of the body's actions. The result is a set of six poetic objects constructed of concrete and negative spaces that enable the antagonisms of immateriality and emptiness to be triggered.

KEYWORDS

Trepanation; immateriality; body; artistic processes, art.

Em 1998, o cineasta Eli Kabillio lança nos Estados Unidos seu controverso documentário de 54 minutos, *A Hole in the Head*, apresentando o procedimento de perfurar o crânio em busca de potencializar a saúde e a capacidade mental e observando sua aplicação moderna pelo mundo. Este é um processo antigo, datado de mais de cinco mil anos, utilizado pelos egípcios e incas e conhecido como “trepanação”, no qual os adeptos acreditam compreender, além de benefícios físicos, a expansão da consciência ou transcendência do espírito como é mostrado no documentário.

Na antiguidade, a trepanação era utilizada como técnica cirúrgica sob a crença de cura de enfermidades e da loucura sendo utilizada em doentes mentais e, da mesma forma, empregada com a intenção de expulsar demônios e espíritos malignos. Na medicina contemporânea, o processo de perfuração do crânio é feito para criar um acesso ao cérebro para procedimentos de intervenção, ou em casos de trauma, reduzir a pressão intracraniana. Os acessos criados nesse processo conduzem ao cérebro e as suas possibilidades ainda debatidas.

As alternativas compreendidas na prática da trepanação, implicadas na manutenção do corpo ou do espírito, relatam, de certa forma, as etapas dos cuidados com o corpo e, naturalmente, do desenvolvimento do conhecimento médico. Contudo, há de se perceber as aproximações destes tópicos aos interesses modernos e contemporâneos do debate artístico, em obras como as de *Stelarc*, *Oron Catts* ou nas projeções do *The Extropy*.

A intenção desta proposta é constituir um cenário sobre o pensamento artístico-poético e processos de produção, utilizando a trepanação – suas práticas e teorias – como metáfora para o desenvolvimento de meu trabalho autoral.

Em 2003 a produção de Kabillio perpassou minhas pesquisas sobre imaterialidade e processos artísticos contemporâneos e, a partir desse momento, os discursos se sobrepuseram e as intenções poéticas tornaram-se o resultado dessa interpenetração. Com isso, relato aqui a construção do projeto, de mesmo nome do documentário, que acionando estratégias poéticas e plásticas, configuraram seis objetos que evocam o antagonismo entre material e imaterial, corpo e espírito na poética tecnológica contemporânea, tornando evidente a trepanação como eixo central desse discurso. Essa proposta constitui um diário de bordo construído por apontamentos autorais articulados às perspectivas artísticas a cerca da poética do corpo e do objeto artístico no contexto tecnológico.

As projeções que tenho feito em meu trabalho ao longo dos últimos anos, refletem objetivamente o antagonismo sobre o tema da imaterialidade e sua configuração em

objeto poético no mundo. As considerações sobre o pensamento artístico que envolvem o vazio, o tempo e o espaço corroboram à pesquisa, que notadamente, é potencializada pelo discurso tecnológico. Nesse contexto, entendendo o corpo, que tomado igualmente como item dessa galeria, é na mesma intensidade, objeto com perspectiva imaterial.

Em 1960, Yves Klein cria uma alternativa à sua ideia de vazio pela técnica fotográfica em "Salto para o vazio". Vemos ali a fotografia do artista saltando de um muro em direção ao duro chão da calçada e, de fato, não há vazio; há árvores, casas e um ciclista. Todavia, existe ali na representação uma outra "coisa", que instalada pela narrativa, configura o pensamento do artista: uma definição de vazio. A literalidade visual do figurativo que tangencia a fotografia, diverge do resultado estético e poético, ou seja, não há possibilidade de representar o vazio sem que haja ali elementos de preenchimento desse espaço, a matéria.

O monumento contra a fascismo construído por Jochen Gerz em Hamburgo no ano de 1986, abarca ainda o debate entre materialidade e imaterialidade como resultado do trabalho artístico. Um obelisco de chumbo de doze metros de altura é a encarnação máxima da materialidade, um monumento gigantesco assume sua presença no tempo e no espaço, tomando para si toda atenção de uma paisagem urbana, mesmo sendo repleta de apelos visuais.

Contudo, o obelisco de Gerz, em si, é irrelevante enquanto potência visual, tamanho e materialidade. A obra acontece de fato quando, por meio de um sistema hidráulico instalado na base da estrutura, faz o obelisco afundar lentamente na terra, sepultando-se. Esse processo acontece durante sete anos e torna-se a construção efetiva da obra; não a intervenção da mão do artista, mas da ideia. A consolidação da obra é o completo desaparecimento do objeto no solo, restando ali somente a lembrança.

A inatividade artística como proposta, seja no xadrez ou o silêncio ao piano, que se figura de forma documental, abre ainda questões que emergem em movimentos outros, abarcando em seus discursos a potência do pensamento e seu lugar na arte moderna e atual. Não se trata da inatividade em si, mas do antagonismo da criação sistemática do objeto incorporal no mundo, de forma a constatar a teoria artística imaterial como uma teoria física.

Com efeito, uma ambiguidade maior pesa sobre o termo "desmaterialização": não se trata minimamente de praticar sua atividade artística que dispensaria os materiais; os materiais estão lá, e bem lá: toneladas de terra, de aço, de madeira, de suportes os mais diversos.

Chega até a haver no minimalismo rebuscado uma espécie de gigantismo [...] (CAUQUELIN, 2008, p. 63).

A criação visual do espaço negativo acontece simplesmente porque existe ali o material, o discurso da ausência que cabe ao vazio. Torna-se, assim, o imaterial como "*in material*" ou dentro do material.

Em meu trabalho o divergente imaterial é parte pontual, ou seja, os objetos resultantes dessa pesquisa tornam-se a representação poética da transcendência pela trepanação, figurada em objetos estéticos. O corpo trepanado e sem espírito se materializa pesado e inerte como em Gerz, dessa forma, nos sugere que os objetos dessa proposta sejam construídos utilizando os materiais que possuem as mesmas características, tomando como matéria o concreto e o metal.

Ainda em tempo, não há pensamento de abandono dos opostos nesse projeto, meu interesse pelo óbvio antagonismo da representação tem o espaço devido, se diferente fosse, tornaria impotente o objeto. A consolidação da obra é, ou poderia ser contada, por aspectos outros da construção do pensamento artístico, de forma que, teço uma visão particular a respeito da arte atual adotando como seus protagonistas o corpo, a tecnologia e a cabeça, sendo este último o mais notável.

O corpo, que durante o século XX é exposto, testado, modificado e por fim tomado como frágil e volátil, garante sua potência por meio da tecnologia que amplia seus sentidos e aponta caminhos desconhecidos. Não obstante, nos permite criar sem mover qualquer membro do corpo. A cabeça desponta também conectada à tecnologia, como mostram os trabalhos de Jack Gallant na Universidade de Berkley nos Estados Unidos, e de Yukiyasu Kamitani nos Laboratórios de Neurociência Computacional da ATR, em Kyoto; ambos processam imagens extraídas diretamente do cérebro. Da mesma forma, as considerações de Byung-Chul Han no livro *Sociedade do Cansaço* e Jonathan Crary no livro *Capitalismo tardio e os fins do sono*, enfatizam a atenção social à cabeça. No entanto, destaco a pesquisa do neurocirurgião italiano Sérgio Canavero, que sublinha a importância de se estudar a "cabeça", de experimentação com essa parte específica do corpo e estabelece possíveis bases para um transplante de cabeça humana (CANAVERO, 2013).

A cabeça criadora não nos servia até então, se os membros não dessem conta de colocar no mundo físico o pensamento. Atualmente, vemos as possibilidades latentes do uso do cérebro para as mais distintas ações, notadamente por vias tecnológicas. Acessar o cérebro implica em trepanações, conexões para trocas de biodados¹.

A atenção está em construir sem construir, consolidar a matriz da ideia de forma efetiva.

No documentário de Kabillio a trepanação é para os aborígenes modernos a própria transcendência espiritual, que para alcançar o que se pretende abandona a estética do corpo, pois como fica claro, depois de ser perfurada e curada, tem se como resultado, uma cabeça deformada, que já não tem simetria. Um corpo mutilado.

Podemos perceber que a trepanação e as tecnologias para a cabeça propõem o abandono do corpo como ele é, em busca de possibilidades transcendentais, seja para o espírito, seja para a consciência em forma de biodados. Assim, o buraco é, dessa forma, símbolo de uma busca alcançada, tornando-se portal ou facilitador da cisão entre o corpo e o espírito, do material e do imaterial.

Isso posto, as estratégias adotadas implicariam na materialização das obras e a elas agregar as perspectivas de uma arte tecnológica fundada na salvação do espírito de um corpo inerte. A ação posterior é a trepanação da cabeça pela tecnologia.

Diversos caminhos convergem na elaboração desse projeto, contudo há seis tópicos decisivos que conectam o início e fim dessa proposição e originam cada um dos objetos: (1) a unidade corpo e cabeça, (2) sua dissociação, (3) o caso médico, (4) a trepanação, (5) o método e (6) a consolidação do acesso.

(1) Unidade corpo e cabeça

A cabeça e o corpo como unidade se localizam no tempo anterior ao entendimento do sujeito e individualidade. Os conhecimentos médicos partilhavam a mesma ideia, pois não havia especialidades distintas. Há de se identificar neste momento uma separação inevitável entre o corpo e o espírito, que acontece exatamente onde se privilegia a eternidade da alma em detrimento do corpo. Um desejo subentendido de transcendência que regula os instintos e ações, a inércia do corpo é negligência a qualquer prazer natural, aqui salva-se o espírito abandonando-se o corpo inteiro. Mesmo em unidade, de certa forma, me parece haver algum interesse no crânio, que figura além do residual, como elemento incorporado culturalmente, talvez sugerindo antecipadamente uma separação de interesses, pela característica distinta dos demais ossos de nossa estrutura. Contudo é sepultado corpo e cabeça.



Sem título, concreto armado e resina, 2019.

100 x 100 centímetros.

(2) Dissociação

A dissociação entre a cabeça e o corpo é etapa decisiva quando se ampliam os conhecimentos médicos. No momento em que surgem as possibilidades de administrar medicamentos para garantir as funções do corpo, desponta em mesma ordem a gestão da dor. As anestésias permitem intervenções médicas específicas para cada indivíduo, inserindo o sujeito com interlocutor da intensidade de sua dor. Notável os desdobramentos da ciência que reforçam a individualidade nesse período, a descoberta do fator sanguíneo é um exemplo. Na arte, a individualidade e autonomia do sujeito repercutem em propostas e movimentos artísticos característicos no início do século XX.

As relações entre a religiosidade e ciência, ou alma e consciência, também contextualizam essa separação. O corpo era o invólucro na alma, mas quando a alma se transfigura em consciência, a cabeça assume esse papel. A transcendência não é mais do espírito.



Sem título, concreto armado, placa de cobre e massa acrílica, 2019.

100 x 100 centímetros.

(3) O caso médico

Vejo como indissociável desse projeto um caso médico específico ocorrido em 1848, um acidente de trabalho com o operário Phineas Gage. Enquanto quebrava pedras em uma ferrovia, uma barra de ferro de um metro e meio, que era usada para prensar a pólvora dentro de um buraco na pedra ricocheteou, penetrando o olho esquerdo do operário e atravessando sua cabeça. Gage foi tratado e sobreviveu ao acidente, mas ele não seria mais o mesmo, pois sofreu uma mudança radical de personalidade. O caso de Gage é de significativa importância para o desenvolvimento da neurociência e de pesquisa sobre o cérebro e instigou o interesse pela cabeça, por assim dizer.



Sem título, concreto armado, cano de alumínio e massa acrílica, 2019.

100 x 100 centímetros.

(4) A trepanação

Há na trepanação perspectivas que também são incorporadas aos interesses médicos nessa trajetória, que não se encontram somente relacionados aos aspectos espirituais. Como procedimento médico, um furo no crânio aumentaria o fluxo de sangue dentro da caixa craniana pela diminuição de sua pressão interna, assim, permitiria maior oxigenação do cérebro. O aspecto espiritual da trepanação como descrito anteriormente é o eixo central da proposta aqui descrita, como metáfora para a arte atual e de seus interesses.



Sem título, concreto armado e massa acrílica, 2019.

100 x 100 centímetros.

(5) O método

O trépano é uma ferramenta de furar ossos e representa a quinta fase desse projeto, como o método pelo qual se executa a trepanação. Assim, como a lança de Gage, que permanece em exposição na Universidade de Harvard por sua contribuição involuntária aos estudos sobre a cabeça, o trépano pode ser considerado a chave para a transcendência, é ele a última ação mecânica do corpo. Os processos mostrados por Kabillio são distintos e rudimentares; o trépano é ferramenta planejada e forjada com uma função única e específica: trepanar. Parte dele o conhecimento sobre a técnica, símbolo da crença, método pelo qual se transcende.

A trepanação potencializada pela técnica, cria métodos que danificam somente o invólucro da consciência; há de se notar que ainda existe um remanescente.²



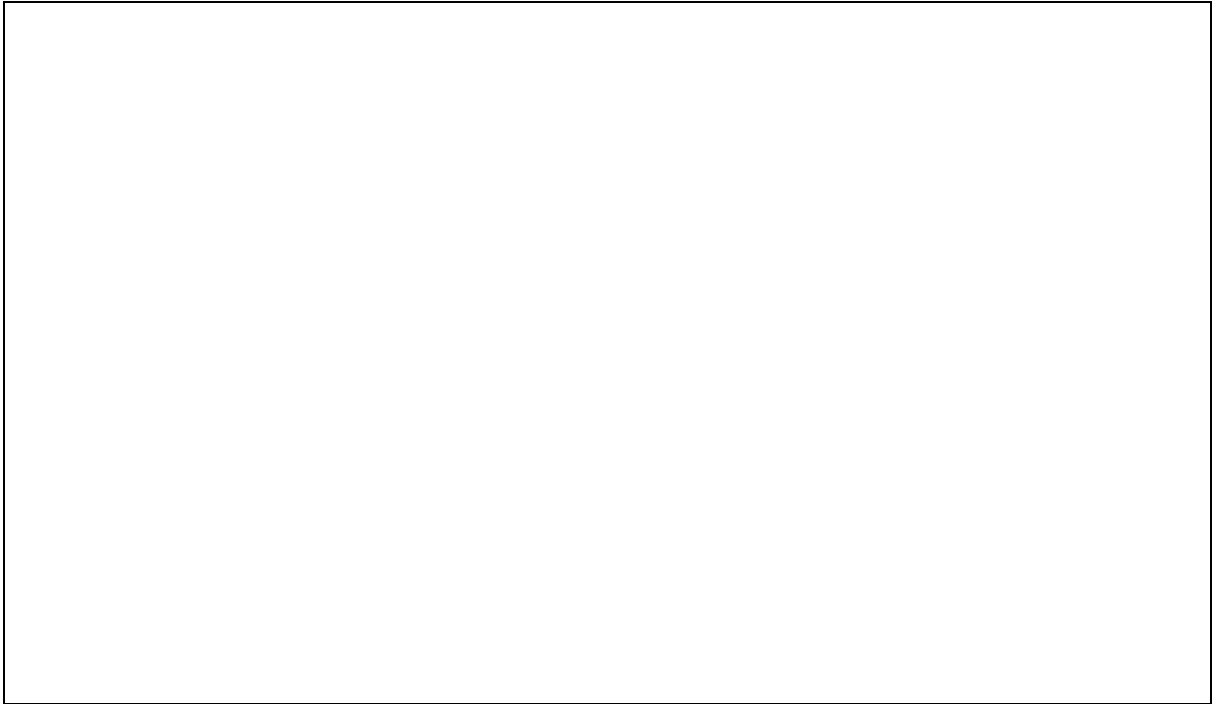
Sem título, concreto armado, arco de pua e placa de cobre, 2019.

100 x 100 centímetros.

(6) Consolidação do acesso

A última etapa a ser constituída é a consolidação do procedimento da trepanação, o buraco. O resultado estético de crânios trepanados, como aqueles que Kabillio nos mostra, são buracos como de acidentes de trabalho (vide Gage) o que provoca no espectador um distanciamento para a autoproteção. Todavia, não há nesse processo a expectativa de um resultado estético desequilibrado, que aciona instintos humanos de repulsa. O objetivo é o através, o olhar pelo buraco da fechadura, é ser uma obra duchampiana que não fura os olhos.³

Assim, o acesso é simétrico e centralizado como um conector, que transmite seus dados para o mundo virtual formado por dígitos matemáticos.



Sem título, concreto armado, 2019.

100 x 100 centímetros.

Os tópicos relacionados foram adotados como determinantes em uma sugestão de cronologia do corpo moderno almejando suplantar sua própria existência. Igualmente, a arte que se reinventa em seus ciclos históricos sobre os mesmos suportes, ora muda a matéria ora muda a orientação, mas toma em sua existência as notáveis características do seu tempo⁴, com arte da trepanação não poderia ser diferente (MACHADO, 2010, p.9).

Cada tópico descrito deu origem a um objeto que foi construído utilizando um chassi de madeira de medidas de um por um metro, que recebeu uma grade de vergalhões que sustenta o concreto armado. Alguns objetos acrescentados foram presos no concreto em posições específicas que se referem à lógica da composição de regra dos terços, às diagonais harmônicas e desarmônicas, dando a cada um a atenção visual devida.

Considerações finais

Os desdobramentos conceituais que configuraram a série *A Hole in the Head*, de minha autoria, permitem novas formações discursivas a respeito das possibilidades tecnológicas e suas aplicações. Os caminhos adotados, permitem entender a prática artística como exercício do pensamento intelectual e da experiência como determinante no processo de criação.

Em cenário ficcional, a consciência como matriz matemática digital torna-se questão de uma máxima tecnológica imaterial, naturalmente, o cinema e a produção artística contemporânea corroboram com o mesmo discurso tecnológico, da mesma forma que compartilham processos, linguagens e os recursos da tecnologia, onde os artistas se inserem seja na biomedicina, da computação ou engenharia genética; e ao mesmo tempo que introduzem debates políticos, éticos e sociais.

Os antagonismos aqui acionados desdobram-se como alternativas estéticas e conceituais que são projetadas sobre os objetos, sugerindo a imaterialidade pós-trepanação. Em outras palavras, a trepanação como processo destinado a construir um acesso ou uma alternativa de conexão tecnológica com o cérebro, constitui bancos de dados binários ou matrizes matemáticas, que emergem na imaterialidade.

O artista torna-se agente desconstrutor e construtor simultaneamente, é ele o próprio antagonista espontâneo.

A filosofia transhumanista aposta na tecnologia mensurando as descobertas, acessos e desdobramentos que constroem possibilidades que atualmente não são tão ficcionais⁵. A migração da consciência por meio da tecnologia conectada á cabeça e abandono total do orgânico e da configuração celular é a transcendência. A trepanação é a ponte de acesso consolidada pela técnica, não é preciso furar o crânio com pedaços de pedras lascadas, é só plugar o cabo.

A trepanação como conector central desse debate trás a luz os aspectos históricos que tangem corpo e notadamente a cabeça. Dessa forma, os debates artísticos consolidam a neurotecnologia como parte fundamental de seu discurso contemporâneo.

Por fim, o corpo com um furo na cabeça não se distingue de um bloco de concreto armado; as ferramentas jogadas ao lado são evidências históricas da arte se inclinando à trepanação⁶.

“Canavero corta a cabeça, Gallant retira dela os dados que se tornam imagem”.

Notas

¹ [...] uma relação de simbiose do sistema biológico e do sistema artificial, isso propõe a relação de *biofeedback* e *technofeedback*, possibilitada pelas trocas de informações entre o biológico e o tecnológico. Essas informações são em verdade biodados e tecnodados (DOMINGUES, 2003, p.96).

² O debate sobre o cérebro é o interesse da pesquisa em curso, contudo, neste momento, há de se entender a cabeça referencial contemporâneo dos avanços da tecnologia, não sendo este o único, mas é de onde emergem especulações e pesquisas.

³ Na obra *Étant donnés*, Marcel Duchamp convida o espectador a olhar pela uma fresta de uma porta para conseguir chegar até a obra. Já na obra *Tu m'*, o espectador ao se aproximar para analisar um possível rasgo na tela é surpreendido por uma escova que lhe fura o olho.

⁴ Parafraseando Arlindo Machado (2010) e sua alusão às fugas para cravo compostas por Bach, pois este era o instrumento mais avançado de sua época (MACHADO, 2010, p.9).

⁵ O *Extropy Institute* é um mercado de ideias para o futuro das mudanças sociais provocadas pelas tecnologias consequentes. O Conselho de Administração, Assessores e Apoiadores Proativos reúnem diversas ideias sobre o futuro. Uma abordagem proativa, com foco crítico em ideias são baseadas em princípios que abordam preocupações e questões sociais que criarão ou quebrarão o futuro da humanidade. A força original por trás da filosofia e do movimento cultural global do transhumanismo. Disponível em: <<http://www.extropy.org/>> Acesso em: 17 de maio de 2020.

⁶ “Abandona o seu e incorpora-he a cabeça, 2008”, minha proposta fotográfica relacionada o tema da trepanação: uma mulher de costas que não mostra as mãos, inclinada à sombra de um trépano. Disponível em: <<http://www.hamiltonferreira.com.br>> Acesso em 10 mai. 2020.

Referências

CAUQUELIN, Anne. **Frequentar os incorporais**: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. Martins, 2008.

CANAVERO, Sérgio. HEAVEN: The head anastomosis venture Project outline for the first human head transplantation with spinal linkage (GEMINI). *Surg Neurol Int* 2013;4:S335-42. Disponível em: <<http://www.surgicalneurologyint.com/text.asp?2013/4/2/335/113444>> Acesso em: 21 jun. 2019.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Ubu Editora LTDA-ME, 2016.

DANZIGER, Leila. **JOCHEN GERZ**: o monumento como processo e mediação. *Arte & Ensaio*, p. 21,101-107, 2010.

DOMINGUES, Diana. **A vida com as interfaces da era pós-biológica**: o animal e o humano. In: *Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e interatividade*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

FERREIRA, H.P. **Comunicação, Bioarte e Bioidentidades**: Discursos estéticos sobre as corporeidades contemporâneas. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de

Fora, 2015. Disponível em: <
<http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/232/1/hamiltondepauloferreira.pdf>>
Acesso em: 10 mai. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**: o desafio das poéticas tecnológicas. Edusp, 1993.

MATTOS, Carmem L. A. **Experiências críticas em arte e tecnologia** : Zaven Paré e Jorge Crowe. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-graduação em artes, cultura e linguagens. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <
<http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/2571/1/carmemluciaaltomarmattos.pdf>>
Acesso em: 18 mai. 2020.

WEITEMEIER, Hannah; BOESTEN, Wilhelmus Hubertus Piere. **Yves Klein** 1928-1962. Taschen, 1995.

Hamilton de Paulo Ferreira

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens (PPGACL/UFJF), na linha de pesquisa Interartes e música; bolsita CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Artista visual, designer e pesquisador.